

# Cadernos Espinosanos



**ESTUDOS SOBRE O SÉCULO XVII**

n. 46 jan-jun 2022 ISSN 1413-6651

IMAGEM detalhe da escultura de Descartes presente  
na fachada do Museu do Louvre, artista Gabriel Joseph Garraud.

AS REPERCUSSÕES DA *DEMONSTRATIO EVANGELICA* DE  
PIERRE-DANIEL HUET NA REPÚBLICA DAS LETRAS

Ana Claudia Teodoro Sousa  
Doutoranda, Universidade Federal de Minas Gerais,  
Belo Horizonte, Brasil  
teodoro.claudia.ana@hotmail.com

RESUMO: Pretende-se apresentar e avaliar o programa inicial de Huet ao publicar a *Demonstratio Evangelica* (1679), obra de caráter apologético e inclinação cética, frente a seu contexto intelectual, buscando uma melhor compreensão do impacto que tal livro exerceu nas discussões entre grandes intelectuais da República das Letras na Europa do século XVII. Para isso, este artigo contém três momentos: primeiro, procura-se traçar os objetivos da obra e os meios utilizados por Huet para alcançá-los. Posteriormente é exposta uma série de acusações e críticas à *Demonstratio Evangelica* e, por fim, é feito um balanço a respeito dessas críticas em relação às intenções iniciais de Huet e argumenta-se que esta obra tem certo valor apologético, mas, mais do que isso, exerceu um papel notável no que diz respeito às discussões sobre a história, religião e filosofia no século XVII.

PALAVRAS-CHAVE: Huet, história, modernidade, ceticismo, República das Letras.

## INTRODUÇÃO

Apesar de pouco conhecida no cenário filosófico e religioso atual, a *Demonstratio Evangelica*, escrita por Pierre-Daniel Huet e publicada em 1679, dispensava comentários em sua época. Quinze anos após sua publicação, a *Demonstratio* já estava em sua quarta edição e em 1733, em Veneza, surge uma oitava edição, cifra bastante expressiva se considerarmos outras publicações do século XVII (DUPRONT, 2014, pp. 4-5). Já em 1690, inclusive, ganha uma edição revisada e amplificada, atraindo o interesse de anais da época que publicaram muitas resenhas da obra, várias destas que indicavam que seria inútil fazer um resumo de seu conteúdo, por ser amplamente conhecida na França e em outros países europeus.

Não seria uma surpresa dizer que com essa grande disseminação a *Demonstratio Evangelica* estava suscetível a todo tipo de julgamento, o que de fato ocorreu. Entre muitos elogios e uma recepção calorosa da obra, majoritariamente por parte de protestantes, Huet também recebeu abundantes críticas, estas principalmente feitas por católicos, o que impeliu o autor a responder às principais objeções colocadas ao seu conteúdo e defender seu caráter cristão. Assim, o interesse em estudar a *Demonstratio* se dá principalmente pelo efeito que obteve no final do século XVII, atraindo a atenção de grandes intelectuais da época, principalmente porque temos aqui uma contraposição importante em relação ao cenário primordialmente racionalista da época e que, de modo bastante controverso, quer reverter esse cenário.

### *DEMONSTRATIO EVANGELICA*: ORIGEM E OBJETIVOS

A *Demonstratio Evangelica* é uma obra robusta, que mostra toda a erudição e conhecimento de Huet sobre a história e o pensamento de inúmeros filósofos,

modernos e antigos. Seu direcionamento é colocado de modo evidente: é uma obra necessária para aqueles que acreditam, aqueles que não acreditam e também aos que duvidam. Nas palavras de Huet a *Demonstratio* é um livro destinado a combater a impiedade<sup>1</sup>, possuindo assim um objetivo apologético baseado em demonstrar a verdade da religião cristã. Em linhas gerais, o projeto de Huet não é uma novidade, inclusive se baseia na obra homônima de Eusébio<sup>2</sup>, provavelmente pela intenção de Huet em retomar a patrística, corrente de pensamento na qual o filósofo estava muito vinculado à época, principalmente porque, tendo descoberto o *Comentário ao Evangelho de São Mateus*, do teólogo grego Orígenes, Huet se coloca a editar e traduzir a obra para o latim, terminando a empreitada em 1668. O que aparece na *Demonstratio* que é distinto de outros projetos apologéticos, inclusive aquele proposto por Eusébio, é a pretensão de formalizar argumentos antigos da tradição cristã em um modelo geométrico, já que este tinha ganhado uma imensa relevância no Renascimento e figurava como um paradigma de investigação e estabelecimento de verdades. Assim, há uma modernização de um projeto antigo vestindo-o em uma roupagem matemática.

O texto de Huet parece não deixar nada oculto em relação a seus objetivos: tendo em vista a impiedade “que faz novos progressos a cada dia”, ele buscava combatê-la “provando que o bom senso deve tornar nosso dever acreditar na

1 A Introdução da *Demonstratio* diz: “Ce livre est destiné à attaquer l’impiété (...)” (HUET, 1842, pp. 21-22; daqui em diante citado como D.E., seguido da paginação. As traduções apresentadas aqui são nossas).

2 Em uma resenha da *Demonstratio* escrita pelo próprio Huet, há uma comparação entre as obras: “Eusebe nous a donné sous ce même titre un Ouvrage de cette nature, avec cette difference, que les argumens dont il se sert, quelques forts & quelques solides qu’ils soient, ne sont pas cependant demonstratifs pour prouver la Verité de nôtre Religion comme cet auteur [Huet] entreprend de le faire par un nouveau genre de demonstration, laquelle il soûtien n’avoir pas moins de force que celles de Geometres” (*Journal des Savans*, 1679, pp. 5-6). O autor também deixa claro que o tema não é novo, apenas a maneira de apresentá-lo. (Cf. HUET, 1842, D.E., pp. 25-26).

religião cristã, que tantas pessoas têm a tolice de abandonar” (HUET, 1842, D.E., pp. 21-22)<sup>3</sup>. A impiedade e a corrupção do século a que se refere o autor é certamente de matriz cartesiana e espinosana, o que fica ainda mais claro se atentarmos que 10 anos depois Huet publica a *Censura Philosophiae Cartesianae* (1689), um dos maiores ataques à filosofia de Descartes, e se também notarmos as constantes menções e refutações dirigidas a Espinosa e seu *Tractatus Theologico-Politicus* (1670)<sup>4</sup>. Suas críticas se voltam para aqueles que pretendem mais do que suas mentes são capazes e que rejeitam a religião, a erudição e a tradição, ou seja, os cartesianos e o próprio Descartes, mas também àqueles que entendem que a religião é uma invenção humana que pretende enganar espíritos fracos, uma referência a Espinosa e à teoria do *Tractatus*<sup>5</sup>.

Tendo em vista a constante referência a essa obra de Espinosa, principalmente dentro do âmbito da demonstração sobre a autenticidade dos livros do Antigo Testamento feita por Huet, muitas vezes a *Demonstratio* foi

3 “Ce livre est destiné à attaquer l’impiété, qui fait de jour en jour de nouveaux progrès, et à prouver que le bon sens doit nous faire un devoir de croire à la religion chrétienne, que tant de personnes ont la déraison d’abandonner”.

4 Algumas leituras veem a *Demonstratio* como uma refutação da *Ética* (*Ethica ordine geometrico demonstrata*) de Espinosa, que foi publicada em 1677, entendendo que esta obra também teria influenciado o modelo de demonstração geométrica. Este erro vem principalmente da leitura de Popkin (2003, p. 279) e, por reprodução, de Charles (2013, pp. 305-306): na realidade, a composição da *Demonstratio* se deu por volta de 1676, quando a *Ética* não havia ainda sido publicada (DUPRONT, 2014, p. 5; SHELFORD, 2002, p. 600). Em compensação, o *Tractatus* de Espinosa é mencionado e refutado, sendo considerado à época uma obra extremamente herética, causando certo escândalo na República das Letras, já que negava a autenticidade da Bíblia, o que explica a necessidade de um novo entendimento das Escrituras, resguardando sua autenticidade e divindade, justamente o que é proposto por Huet na *Demonstratio*. Provavelmente porque Espinosa ainda estava vivo seu nome não é explicitamente citado em nenhum momento, ainda assim o filósofo é frequentemente mencionado como “o autor do *Tractatus*”.

5 Thomas Hobbes e Isaac de la Peyrère também são figuras constantemente criticadas por Huet.

lida apenas como uma severa reprovação da posição espinosana, entretanto, esta leitura minimiza o alcance deste livro e não entende seu valor *per se*. A *Demonstratio Evangelica* tem sim um caráter antiespinosano central, o que não anula seu ataque ao cartesianismo<sup>6</sup>, nem seu plano de fundo pascaliano e fideísta (SHELFORD, 2002, p. 600; BOUILLER, 1868, I, p. 394; LAERKE, 2006, p. 391). Além disso, é necessário entender a *Demonstratio* como um espelho da busca de certezas que se dava no contexto da época, tanto no âmbito religioso quanto nos âmbitos histórico e científico.

Podemos verificar que existem muitos elementos em jogo e que se associam na composição do projeto da *Demonstratio*<sup>7</sup>. Deste modo, se a intenção é persuadir os infieis e demonstrar contundentemente a verdade do cristianismo, principalmente a quem não aceita as demonstrações mais óbvias da religião cristã, já que as analisam apenas de modo parcial e superficial, então Huet propõe uma demonstração distinta, baseada no modelo geométrico, este que era entendido à época como um procedimento seguro para conduzir raciocínios, sendo amplamente aceito por pensadores modernos, inclusive aqueles menos adeptos ao cristianismo. A convicção de Huet é que a demonstração seguindo o molde

6 Shelford mostra que o alvo cartesiano que está mais próximo de Huet é a obra de Antoine Arnauld e Pierre Nicole, *La logique ou l'art de penser*, publicada em 1662, obra que Huet possuía em sua biblioteca, inclusive. Mesmo sem citar a obra ou seus autores, Shelford argumenta que por meio dos argumentos de Sexto Empírico, Huet refuta a pretensão da *Logique* de demonstrar de forma cabal a veracidade das proposições e axiomas da geometria. Utilizando certos “procuradores”, Huet se colocaria como Aristóteles e os cartesianos estariam presentes na figura de Proclus, este que é constantemente refutado durante o recorrer do livro. Cf. SHELFORD, 2002, pp. 606-611.

7 Além dos elementos já mencionados, também entra em cena aqui a familiaridade de Huet com a religião judaica e principalmente seus encontros com Menasseh Ben-Israel durante a década de 1650 na Holanda. Ben-Israel, um judeu muito erudito, propõe muitas objeções aos argumentos sobre a religião cristã, principalmente aqueles que contradizem a religião judaica, e desafia Huet a elaborar provas mais fortes e convincentes sobre a verdade e divindade do Cristianismo. Cf. HUET, 1842, D.E., pp. 21-24.

dos geômetras faria que os modernos se tornassem mais abertos aos argumentos tradicionais e históricos sobre a religião cristã, aceitando-os com mais facilidade justamente pelo formato mais claro e semelhante ao que era usual na época. Assim, a partir de definições claras, postulados, axiomas e demonstrações, seria possível demonstrar de forma segura a verdade da religião cristã, estabelecendo uma nova forma de exegese bíblica, esta que segue o modelo geométrico.

Os dois postulados de Huet esclarecem sua intenção e a dificuldade que poderia encontrar ao tentar convencer os infiéis:

Eu não gostaria apenas de convencer os espíritos, desejo mais, gostaria de persuadi-los. Para eles, as razões que vou desenvolver podem ser suficientes, já que as provas do Cristianismo são bastante evidentes para isso; mas a persuasão só pode ser o efeito de uma grande integridade (*d'une grand droiture*) (HUET, 1842, D.E., pp. 21-24)<sup>8</sup>.

Adiante, o segundo postulado pede que suas demonstrações obtenham o mesmo assentimento que é dado às demonstrações baseadas em razões de mesmo valor<sup>9</sup> e é justificado tendo em vista a importância do tema tratado. Ora, coloca Huet, se acreditamos em coisas banais durante toda a nossa vida, sem nenhum traço de hesitação, por que não acreditaríamos no que é o assunto mais importante de todos?

8 “Je ne voudrais pas seulement convaincre les esprits, je désire plus, je voudrais les persuader. Pour les convaincre, les raisons que je vais développer pourront suffire, car les preuves du christianisme sont assez évidentes pour cela; mais la persuasion ne peut être que l'effet d'une grand droiture (...)”.

9 “Ce que vais démontrer mérite la même créance que ce qui est appuyé sur des raisons de même valeur” (HUET, 1842, D.E., p. 36).



O diagnóstico feito pelo filósofo é que para atingir seus objetivos seria necessário, primeiramente, minar as pretensões da filosofia natural baseada integralmente na razão humana e, por fim, aumentar a probabilidade da história através da tradição e da erudição. Ora, estamos falando aqui de um contexto intelectual primordialmente racionalista que frequentemente desdenha da tradição e dá preferência à novidade no âmbito da ciência e que no âmbito da religião questiona a autoridade da Igreja Católica, difundindo assim ideais deístas. Reconhecendo esse cenário desfavorável à religião e vantajoso para a geometria, Huet entende que é preciso reequilibrar essa balança e mostrar que as verdades religiosas são tão confiáveis quanto aquelas de geometria. Para isso, o bispo de Avranches argumenta o oposto do que era comum em seu tempo: sendo a razão insuficiente para alcançar verdades absolutas em qualquer âmbito, independentemente de ser em relação à geometria, à filosofia natural ou à religião, é necessário buscar abrigo e segurança nas teses históricas que são estabelecidas de forma incontestada, sendo universalmente aceitas e, portanto, representam um recurso impecável que deve ser utilizado. Por um lado, Huet invoca o consenso que há em torno das teses históricas, indicando seu valor para investigação da verdade e, por outro lado, Huet alega a falibilidade da razão humana e constantes desacordos dentro da filosofia natural e da própria geometria<sup>10</sup>. Assim, ao atacar os fundamentos do dogmatismo, seria possível chegar a um equilíbrio em que religião (baseada na fé que é infalível e evidente e no testemunho consensual

10 Huet contrapõe suas sete definições àquelas da geometria dizendo o seguinte : “Ce n'est point comme dans les définitions de la géométrie, où il s'en présente de très peu claires. On y définit ce qui n'existe pas et n'existera jamais, malgré tous les efforts de la sagacité humaine, et les définitions sont exprimées de telle sorte qu'on n'y comprend rien. (...) Si nous n'avons que des notions incomplètes et incertaines, les démonstrations que nous en voudrions déduire participeront nécessairement du même défaut de fixité et d'exactitude” (HUET, 1842, D.E., pp. 31-32).

da história) e filosofia natural (fundamentada na razão que é fraca e incerta) possuiriam o mesmo grau de persuasão.

O ceticismo de Huet em relação à razão humana se apresenta aqui como um instrumento fundamental para o estabelecimento da verdade da religião cristã, inclusive em relação à autenticidade e verdade da Bíblia e também ao estabelecimento da fé como única fonte de verdade<sup>11</sup>. Sendo assim, todas as demonstrações estão no âmbito da probabilidade, tendo certeza apenas relativa. Em última instância, é a fé que assegura a verdade do cristianismo; a razão que pode estabelecer demonstrações é apenas uma ajuda. Nas palavras de Huet:

Qual é a finalidade dessa demonstração? dispor da fé, de fortificá-la naqueles que a têm; e santo Agostinho aprova o uso da ciência para fazê-la nascer, desenvolvê-la, defendê-la e confirmá-la, não, é verdade, como o único ou melhor meio de alcançar este resultado, mas como auxiliar que predispõe o espírito à submissão e à verdade da fé; e depois, eu estou lidando acima de tudo com os ímpios que não admitem os princípios da revelação; eu tive, portanto, que recorrer a outros princípios incontestáveis e incontestados, evidentes para todo mundo, para que as pessoas soubessem que a verdade não tem nada a temer acerca das falácias e dos sofismas da razão humana, e que sua luz é brilhante o bastante para dissipar todas as trevas, sua força grande o bastante para triunfar sobre todos os obstáculos (HUET, 1842, D.E., pp. 27-28)<sup>12</sup>.

11 Como aponta Guéroult, existe aqui um paradoxo: Huet entende que para salvaguardar a tradição filosófica é necessário recorrer a um tipo de ceticismo erudito (GUÉROULT, 1984, p. 208); e Massimi explica que não é realmente um paradoxo, mas que, diante da incapacidade humana de alcançar a verdade, a conclusão é que temos a erudição e o ceticismo como ferramentas apropriadas para conservação da vida intelectual e prática (MASSIMI, 1985, p. 168).

12 “Quel est le but de cette démonstration? de disposer à la foi, de la fortifier dans ceux qui l’ont; et saint Augustin approuve que l’on emploie la science pour la faire naître, la développer, la défendre et la confirmer, non pas, il est vrai, comme le seul ou le meilleur moyen d’atteindre ce résultat, mais comme auxiliaire qui prédispose l’esprit

É importante notar aqui dois aspectos do pensamento huetiano: primeiramente, Huet não é contrário à ciência, à filosofia natural ou à geometria, apenas não as aceita como verdades absolutas, já que são frutos da razão e, portanto, são falíveis. Se comparadas com os testemunhos dos sentidos e da tradição e com as certezas morais, por exemplo, aparecem como ainda mais fracas, já que estes podem garantir mais segurança à vida humana. Como bem aponta Guérout, Huet é um “cético reacionário” e, dentro da batalha entre a filosofia e a história que é proposta por Descartes, ele escolhe restaurar a força das teses históricas e, por isso, precisa do ceticismo para humilhar as pretensões dos dogmáticos que rejeitam a tradição<sup>13</sup>. É tendo em vista o diagnóstico de seu tempo que Huet alega que o ceticismo está muito mais próximo do cristianismo do que geralmente se imagina, já que os cétricos colocam todas as doutrinas dogmáticas sob avaliação e suspensão, livrando a mente de preconceitos, o que a torna mais disposta a

à la soumission et à la vraie foi; et puis, j'ai surtout affaire à des impies qui n'admettent point les principes de la révélation; j'ai dû, dès lors, avoir recours à d'autres principes incontestables et incontestés, évidents pour tout le monde, pour qu'on sache que la vérité n'a rien à craindre des arguties et des sophismes de la raison humaine, et que sa lumière est assez vive pour dissiper toutes les ténèbres, sa force assez grande pour triompher de tous les obstacles”.

13 É interessante notar aqui a grande oposição entre Huet e Descartes em relação à tradição. Desde os primeiros escritos da juventude de Descartes é exposta sua insatisfação com a tradição, que figuraria como um obstáculo para atingir a verdade e a consequente intenção de criar um projeto novo e autônomo, o que fica ainda mais claro no *Discurso do Método* (Cf. DESCARTES, 1908 x, p. 204; 1902, vi, pp. 4-11). Esta rejeição é fortemente censurada por Huet (1842, D.E., pp. 21-22). Assim, enquanto Descartes vê a história e a erudição com desprezo, Huet tem uma visão cética em relação à razão humana e a filosofia natural, entendendo que a fé, a tradição e a erudição poderiam ajudar a fraqueza da razão. Em uma carta de 17 de outubro de 1630 a Beeckman, Descartes pergunta sobre os professores e intelectuais: “Quis ex illis docet, non dico me, sed quemcunque sapientiae studiosum?” (DESCARTES, 1897, I, p. 158), Huet vai responder que eles podem ensinar tudo acerca da certeza moral e da história, estas que têm primazia em relação ao conhecimento puramente racional.

seguir o que é ensinado por Deus, este que “quer que nossa salvação seja o dom de sua graça e a recompensa da nossa fé, nos deu uma razão limitada e a cercou de muitas ilusões, muitas obscuridades, com medo de que se ela alcançasse os mistérios com muita clareza, não nos importáramos com a fé” (HUET, 1842, D.E., pp. 27-28)<sup>14</sup>. Ao desestabilizar o saber matemático e puramente racional, Huet pode apelar para a necessidade da volta da tradição, da erudição, da graça e da fé<sup>15</sup>. Esses últimos não dependem da razão falível, mas possuem sua certeza no consenso universal e na graça divina. A história, a tradição e os princípios morais devem ser aceitos como verdades, pois estão estabelecidos dentro do critério de verdade proposto por Huet: o assentimento geral entre os homens (HUET, 1842, D.E., pp. 25-26)<sup>16</sup>.

#### UMA NOVA EXEGESE BÍBLICA E AS ACUSAÇÕES DE IMPIEDADE

Em janeiro de 1679, ano de publicação da *Demonstratio*, o próprio Huet faz uma resenha sobre sua obra para apresentá-la a seus pares, publicada no *Journal des Savans*. O autor destaca a intenção de demonstrar a verdade e divindade da religião cristã com força total, baseado principalmente na realização das profecias da Bíblia, deixando claro também sua posição de subpreceptor do Delfim e o conseqüente acordo com o Rei Luís XIV. Além disso, faz um resumo de sua

14 “Dieu qui veut que notre salut soit un don de sa grâce et la récompense de notre foi, nous a donné une raison bornée, et l’a environnée de bien des illusions, de bien des obscurités, de peur que, si elle parvenait à nous faire voir trop clair les mystères, nous ne fissions pas assez cas de la foi”.

15 “Huet, qui succède à Descartes, est un sceptique réactionnaire qui le dénonce et se retourne nostalgiquement vers le passé d’une tradition érudite, exclusive de tout dogmatisme tranchant, de toute science rationnelle universelle” (GUÉROULT, 1984, p. 209).

16 O princípio de Cícero é repetido por Huet: “Omnium consensus, naturae vox est”.

metodologia e dos principais argumentos do livro, como a ideia de que a maioria das divindades de outras religiões é baseada na figura de Moisés, que o Novo Testamento é a realização das profecias do Antigo Testamento, que ambos são autênticos e, por fim, que Jesus Cristo é de fato o Messias. Então, nesta resenha Huet deixa clara sua nova abordagem em relação à Bíblia que poderia provar de forma contundente a verdade da religião cristã, mesmo que o cristianismo só possa ter como fundamento último a graça de Deus e da fé<sup>17</sup>, o que reverteria também os argumentos contra a autenticidade da Bíblia levantados pelo *Tractatus* de Espinosa<sup>18</sup>.

Como uma resposta ao *Tractatus*, a *Demonstratio Evangelica* de fato recebeu ótimas recepções. A carta de Samuel Puffendorf, anexada pelo próprio Huet à terceira edição da obra, é um bom exemplo de como a *Demonstratio* foi recebida como uma salvação da verdade da religião cristã ao combinar elementos da erudição em um formato geométrico (HUET, 1842, D.E., pp. 19-21). Ademais, o proeminente filósofo Gottfried Leibniz foi um dos grandes apoiadores da obra de Huet, inclusive porque, ao buscar alguém para responder às heresias levantadas por Espinosa, encontra na obra apologética de Huet uma resposta à altura, exclamando ser um “tesouro de erudição” (LEIBNIZ, 1803, I, p. 205).<sup>19</sup>

17 “Enfin il y a une infinité d’autres remarques de cette force dans tout l’ouvrage, & ce qu’on en peut dire encore de particulier, c’est qu’il y a une infinité de passages de la sainte Ecriture que cet Auteur explique d’une manière fort singulière, fort nouvelle & fort solide” (*Journal des Savans*, 1679, p. 10).

18 Sobre o *Tractatus*, Huet analisa que: “Il a paru dernièrement un traité théologico-politique, comme porte son titre, dans lequel l’auteur affecte une grande liberté de discussion philosophique; il ne se contente pas de saper les bases de la religion et d’une saine théologie, il va même jusqu’à ébranler tout l’ordre politique et les notions du sens commun; son but est d’accréditer la dangereuse hérésie du déisme qui, aujourd’hui, fait de si déplorable progrès” (HUET, 1842, D.E., p. 265).

19 É também indiretamente, por Leibniz, que Espinosa tem conhecimento da obra de Huet. Em maio de 1676, Walther de Tschirnhaus escreve a Espinosa o informando

Leibniz e Huet se conheceram durante um período que o primeiro passou em Paris e desde 1673 é possível encontrar correspondência entre os dois filósofos. Com a publicação da *Demonstratio*, Leibniz escreve sobre a obra diversas vezes, incluindo cartas elogiosas a Huet dizendo ter recebido a notícia da publicação desta obra com uma imensa satisfação<sup>20</sup> e que seu autor deveria se lisonjear por compor uma obra imortal que apresenta uma erudição magnífica<sup>21</sup>.

Apesar de considerar a obra como sendo bem sucedida em seu objetivo de demonstrar a verdade da religião cristã e refutar a teoria espinosana sobre a inautenticidade da Bíblia, Leibniz não parece compactuar com todo o pensamento de Huet, principalmente porque acredita ser possível alcançar a certeza absoluta no âmbito filosófico por meio de demonstrações incontestáveis, rejeitando as posições mais céticas de Huet, e também entendendo que as questões mitológicas que Huet inclui em suas provas são um tanto exageradas<sup>22</sup>. Leibniz diz o seguinte:

Recentemente, o Sr. Huet (...) concluiu que os livros de ambos os testamentos são divinos. Seu raciocínio é bom, e o livro cheio de erudição, embora eu não seja do sentimento dele a respeito de todas as digressões, embora sábias, que ele faz incluir em sua obra, quando ele faz vir de Moisés e dos hebreus quase todas as divindades e fábulas do paganismo; nas quais me parece que não só ele,

que “J’ai appris de M. Leibniz que le précepteur du dauphin de France appelé Huet, un homme d’un savoir étendu, doit écrire sur la vérité de la religion chrétienne et réfuter votre *Traité théologico-politique*” (ESPINOSA, 1966, IV, p. 350); Espinosa responde que tem interesse numa cópia da obra, caso ela venha a ser publicada. Cf. ESPINOSA, 1966, IV, p. 354.

20 “J’ai appris avec une satisfaction infinie que votre grand et immortel ouvrage sur la vérité de notre religion avoir enfin paru” (LEIBNIZ, 1803 I, p. 192).

21 “Assurément vous pouvez flatter d’avoir laissé un ouvrage immortel, et vous ne pouviez faire un plus sage et plus magnifique emploi de cette érudition qui vous a coûté tant de veilles” (LEIBNIZ, 1803 I, p. 205).

22 Sobre a recepção de Leibniz da *Demonstratio Evangelica*, bem como afinidades e divergências entre Leibniz e Huet, ver: LAERKE, 2006.

mas ainda vários outros, excedem e dão muita liberdade (*donnent trop de carrière*) à imaginação e aos jogos de espírito (LEIBNIZ, 1803, I, pp. 211-12)<sup>23</sup>.

A dificuldade em relação à prova de Huet que tenta mostrar que divindades e fábulas pagãs têm origem na tradição judaico-cristã não é exclusiva de Leibniz. Como indica Dupront, a *Demonstratio* não foi recebida facilmente como um livro apologetico, tendo inclusive encontrado problemas com censores que atrasaram a publicação da obra, o que leva a crer que a ortodoxia de seu livro não era assim tão manifesta (DUPRONT, 2014, pp. 5-9; MALBREIL, 1985, p. 129). Enquanto as recepções na Alemanha, Holanda e Suécia pareciam ser as melhores possíveis, na França isto não ocorreu (DUPRONT, 2014, pp. 11-12; LAERKE, 2006, pp. 393-394), ou seja, são os países protestantes que aceitaram bem este trabalho, corroborando a hipótese de heterodoxia de Huet.

O autor da *Demonstratio* não está alheio a essas acusações de paganismo, considerando muito injustas também aquelas que dizem que seu livro fortalece os argumentos de deístas e infieis, inclusive relata-as em seu Prefácio para a Terceira Edição da obra, tentando refutá-las. Apesar de citar outras críticas, Huet entende que a principal delas seria sobre a comparação que é feita entre religiões, seus respectivos deuses e histórias (HUET, 1842, D.E., pp. 11-14). Esse trabalho histórico realizado por Huet é nomeado por Dupront de “comparatismo exegetico”, isto é, o método de trabalho baseado na história de diferentes sociedades, culturas, crenças e religiões, tanto aquelas que aparecem na Bíblia quanto pagãs, e que, a partir

23 “Depuis peu, M. Huet (...) conclut que les livres des deux testamens sont divins. Ce raisonnement est bon, et le livre est plein d’érudition, quoique je ne sois pas de son sentiment à l’égard de toutes les digressions, bien que savantes, qu’il fait entrer dans son ouvrage, lorsqu’il fait venir de Moïse et des Hébreux presque toutes les divinités et les fables du paganisme; en quoi il me semble que non seulement lui, mais encore plusieurs autres excèdent et donnent trop de carrière à l’imagination et aux jeux d’esprit”.

delas, procura traçar relações e estabelecer dependências, filiações e mutações de cada uma dessas religiões buscando defender a primazia e originalidade da religião cristã (DUPRONT, 2014, p. 165).

Na ocasião da terceira edição da *Demonstratio*, Huet escreve uma resenha anônima para o *Journal de Savans*<sup>24</sup>, em que reconhece as críticas recebidas e também os elogios, deixando claro que, apesar de ter tido uma boa recepção por parte dos protestantes, ele nada tinha a ver com esta religião<sup>25</sup>. Ademais, relata ter recebido duras críticas e injúrias de um ministro protestante e que, diferente desta religião “caluniosa e ultrajante”, a sua era “humilde e paciente”<sup>26</sup>, por isso não iria atacar seu opositor com as mesmas armas utilizadas contra ele. Especificamente a respeito da argumentação sobre os deuses pagãos serem versões modificadas de Moisés, Huet apela para o argumento de autoridade, dizendo que outras figuras católicas e respeitadas já haviam colocado argumentos parecidos com o seu, como os padres fundadores da igreja antiga<sup>27</sup>. A conclusão de Huet nessa resenha é que

24 Dupront relata que o manuscrito da resenha foi encontrado entre os documentos de Huet, sendo de autoria do autor. Cf. DUPRONT 2014, p. 16.

25 “En quoi il n’a pas été trompé de son espérance, puis que & en France & dans les Pays Étrangers plusieurs personnes savantes & équitables ont donné beaucoup de louanges à cet ouvrage, & même que des Protestants Etrangers de grand mérite & de grand réputation, avec qui il n’avoit aucun commerce, l’ont exhorté par leurs lettres, à employer à la réunion de ceux de leur parti à la Religion Catholique, la même méthode qu’il a employée a réunir les Juifs & les Athées à la Religion Chrétienne” (*Journal des Savans*, 1690, p. 154).

26 “Mais Mr. d’Avranches dit qu’il n’est ni de son genie ni de sa dignité d’en user ainsi, & qu’il defend par ces écrits; & qu’il vaut mieux faire connaître aux Protestants, que si leur Religion est médisant & outrageuse, la nôtre est humble & patiente” (*Journal des Savans*, 1690, p. 155).

27 “Personne n’a dû être raisonnablement choqué de cette opinion, puisque Attapanus a soutenu que Mercure & Musé étoient Moïse; Vossius le Père, & Bochart ont dit la même chose de Bacchus (...).” (*Journal des Savans*, 1690, p. 158). Sobre o argumento de autoridade muitas vezes proposto por Huet, Malbreil diz o seguinte: “L’argument d’autorité ou d’antiquité est le même: rechercher l’antiquité qui nous réunit à l’origine



as dificuldades levantadas a ele eram fruto do desprezo e ignorância da erudição, que faziam seus críticos não lerem com destreza seus argumentos, que tanto figuras proeminentes de sua época quanto personagens importantes para a igreja católica já colocaram. De forma bastante análoga, a resenha feita anonimamente na *Histoire des Ouvrages des Savants*, publicada no mesmo ano, diz que estes argumentos acerca da antiguidade de Moisés e de sua figura ser replicada em muitas outras religiões não deveria chocar a ninguém, já que seu conteúdo já havia sido proposto por outros pensadores e que as associações entre Moisés e os deuses pagãos não deveriam ser tomadas de forma literal<sup>28</sup>.

Ao publicar sua obra *Alnetanae Quaestiones de Concordia Rationis et Fidei* em 1690, Huet continua sendo acusado de impiedade pelos mesmos motivos apontados na *Demonstratio*. Antoine Arnauld, visto como um dos alvos de Huet na *Demonstratio Evangelica*, tem conhecimento do conteúdo do *Alnetanae Quaestiones* por meio de uma resenha publicada no *Journal des Savans* em 1691 e, baseado no extrato que leu, prontamente escreve a dois de seus correspondentes frequentes na data de 1º de novembro do mesmo ano. Em suas cartas a M. Denis Dodart e a M. Louis du Vaucel, Arnauld se diz profundamente chocado com o que encontrou na obra de Huet, acusando-o de ser um autor protestante que escreve coisas horríveis que podem inspirar a libertinagem nos jovens, já que sua argumentação indica que qualquer religião é adequada, fazendo inclusive um paralelo entre o cristianismo e o paganismo, o que seria, na visão de Arnauld,

des choses; humilier la raison de l'individu, sectaire, crispée sur soi, qui proclame orgueilleusement qu'elle est la pierre de touche de la vérité" (MALBREIL, 1985, p. 129). Para uma melhor explicação acerca de Bochart e Vossius e de suas influências sobre Huet, ver: DUPRONT, 2014, pp. 94-105.

28 *Histoire des Ouvrages des Savants* 1690, 512-514. Existe uma grande semelhança entre a resenha publicada no *Journal des Savans* em 1690 e a publicada na *Histoire des Ouvrages des Savants* no mesmo ano, o que nos leva a presumir que ambas são de autoria de Huet.

uma heresia. Assim, ele rejeita a comparação entre religiões feita por Huet, assim como sua tentativa de mostrar que todos os milagres de Jesus Cristo são comparáveis àqueles dos pagãos e que o paganismo ainda fornece relatos de milagres para comprovar a veracidade das Escrituras<sup>29</sup>. Portanto, é justamente o método comparativo proposto por Huet tanto na *Demonstratio* quanto na *Alnetanae Quaestiones* que está sendo criticado por Arnauld.

Em seu *Essais sur les moeurs*, Voltaire também acusa Huet de estar exagerando em suas interpretações na *Demonstratio*, principalmente se tratando de tentar associar a figura de Moisés à de muitos deuses do paganismo. Menosprezando a argumentação de Huet, Voltaire diz que o autor teria se envergonhado de sua obra nos últimos anos de sua vida e, reconhecendo sua incapacidade e a fraqueza de seu espírito, escreveu o *Traité de la Faiblesse de l'Esprit Humain*, obra publicada postumamente em 1723 e na qual Huet deixa explícito seu ceticismo com relação à capacidade da razão humana em apreender a verdade (VOLTAIRE, 1820, XI, pp.123-125).

É claro que as críticas não se limitam ao argumento de Moisés, pelo contrário, atingem muitos outros aspectos da *Demonstratio Evangelica*. Em uma resenha de 1692 publicada na *Bibliothèque Universelle et Historique*, há uma compilação das objeções mais importantes, mas dentro de todo o corpo da *Demonstratio* Huet já antecipa possíveis objeções em cada um dos tópicos que aborda e as responde. Esta compilação feita na resenha de 1692 é baseada no Prefácio escrito por Huet (1842, D.E., pp. 7-20) e aponta para cinco tipos de objeções principais: 1) o livro estaria repleto de observações inúteis e baseadas

29 Carta de Arnauld a M. Dodart, 1 de novembro de 1691 (ARNAULD, 1775, III, pp. 400-403); Carta de Arnauld a M. du Vaucel (ARNAULD, 1775, III, pp. 404-405). Mesmo com as cartas de Arnauld citando o *Alnetanae Quaestiones de Concordia Rationis et Fidei*, Guéroult entende que as críticas têm como foco a *Demonstratio*, provavelmente porque os argumentos rejeitados são próximos daqueles apresentados na obra de 1679. Cf. GUÉROULT, 1984, p. 218.

no ensinamento de Rabinos; 2) seus argumentos estariam fortalecendo os ímpios e deístas, já que coleta diversas opiniões sobre a religião; 3) seus argumentos infeririam coisas que não se encaixam naturalmente dentro do projeto proposto; 4) a argumentação de que a maioria dos deuses pagãos eram Moisés disfarçado, fazendo de Huet um possível pagão e, por fim, 5) que Huet teria desprezado a geometria. Além de apresentar as objeções, a resenha também aponta para as respostas dadas por Huet e para as modificações mais significativas feitas no corpo do texto realizadas pelo autor para a terceira edição da obra<sup>30</sup>.

#### O VALOR APOLOGÉTICO DA *DEMONSTRATIO*

Embora a *Demonstratio Evangelica* tenha sido questionada por diversos motivos, é o argumento de Moisés, tópico mais marcante do método comparativo de Huet, que é constantemente sublinhado pelos integrantes da República das Letras, sendo a fonte das mais devastadoras críticas, principalmente para corroborar a acusação de heresia ou paganismo de Huet. A esta objeção Huet geralmente responde que não existe argumento mais ilustrativo e forte do que este e que, sendo fundamentado em provas morais, seria o mais vantajoso para concluir a verdade da religião cristã (DUPRONT, 2014, p. 41): ora, se Huet entende que a verdade se encontra na tradição, na antiguidade e na erudição, então, é justamente por meio de demonstrar que a religião cristã é anterior a todas as outras religiões que se demonstra sua autenticidade, veracidade e divindade. O projeto integral da *Demonstratio* é exatamente defender o cristianismo de maneira demonstrativa e contundente, convertendo ateus, infieis ou qualquer tipo de pessoa que questiona a verdade da religião cristã. Nesse sentido, só é razoável entender o argumento sobre a figura de Moisés no interior da proposta da obra

30 *Bibliothèque Universelle et Historique*, 1692, pp. 47-58.

de Huet. Como assinala Dupront, se esse argumento for isolado de seu contexto, esse tipo de “comparatismo exegetico” baseado em um método histórico poderia realmente arruinar a fé cristã (DUPRONT, 2014, pp. 15-16; 19; 41-45), já que se baseia em emparelhar diversas religiões. Mas a intenção de Huet é defender a possibilidade de superar as diferenças entre elas justamente porque todas as religiões existentes teriam como matriz o cristianismo, esta que é a religião original e verdadeira. Sendo assim, ao expor estas verdades, todas as religiões deveriam se converter à religião cristã, que é a autêntica. Ainda seguindo Dupront, Huet não seria um historiador pedante e delirante que escreve cem páginas sobre Moisés sem um objetivo claro, mas estaria propondo um argumento sério para defender sua fé, entendendo que, de fato, sua obra era pia e poderia combater a heresia<sup>31</sup>.

Sem intermédios, Huet estava convencido de que sua obra atingiu os objetivos que ele almejava, persuadindo infieis e deístas ao comprovar a verdade da religião cristã. No fim da *Demonstratio* Huet faz um pequeno resumo dos principais argumentos do livro e finaliza dizendo que:

É impossível raciocinar com maior força e de forma mais conclusiva. Os argumentos se mantêm tão bem juntos, estão tão bem encadeados uns aos outros ao reivindicarem apoio mútuo que não se pode encontrar um lado fraco neles, e que é impossível que todo homem de boa-fé não os aprove (HUET, 1842, D.E., p. 936)<sup>32</sup>.

31 “Les cent pages du Moïse ne sont donc pas fantaisie de pédant en délire, mais oeuvre sérieuse d’un défenseur de la foi quelque peu singulier” (DUPRONT, 2014, p. 51); “Huet a cru faire oeuvre pie; il a eu souci d’apporter une construction puissante dans la lutte contre l’hérésie ou la pensée, déjà, toujours ‘libre’” (DUPRONT 2014, p. 56).

32 “Il est impossible de raisonner avec plus de force et d’une manière plus concluante. Les arguments se tiennent si bien, ils sont si bien enchaînés les uns aux autres en se prêtant un mutuel appui qu’on ne saurait leur trouver un côté faible, et qu’il est impossible que tout homme de bonne foi n’y acquiesce pas”.

Apesar da perspectiva de Huet, muitos pensadores da época, incluindo aqueles considerados como homens de boa fé, não aceitaram tão facilmente seus argumentos. Mais do que isso, como foi exposto anteriormente, viram na interpretação bíblica de Huet uma ameaça aos valores cristãos, interpretando o autor da *Demonstratio* como um propulsor da heterodoxia. Parece-nos que esta divergência entre a intenção da *Demonstratio Evangelica* e sua recepção se dá por uma falta de compreensão do projeto integral de Huet e não somente, como coloca o próprio filósofo, por ignorância e rejeição da tradição.

Primeiramente, é possível notar que a demonstração proposta por Huet sobre como os deuses pagãos teriam como matriz a figura de Moisés, que foi o argumento visto como o mais problemático da *Demonstratio*, não era uma novidade e, como o próprio autor aponta, já havia sido proposto por outros pensadores cristãos e, por isso, não deveria ter sido denunciada como uma forma de heterodoxia, muito menos uma forma inovadora. Buscando entender melhor este ponto, Dupront faz um esboço sobre a tradição de pensadores que já haviam sugerido este método de comparação e conclui que Huet teria dado continuidade a algo já estabelecido, visto que, segundo Dupront, muitos eruditos já tentaram encontrar a figura de Deus em todo tipo de fábula ou história (DUPRONT, 2014, pp. 85-94). Tendo em vista críticas depreciativas que surgiram contra o autor da *Demonstratio*, como a de Voltaire, mesmo que Huet tenha exagerado e errado em muitas destas comparações, não é possível dizer que seu trabalho é delirante. É um trabalho refletido, metódico e que busca sempre fundamentos em outros autores de importância histórica marcante para conseguir estabelecer suas comparações e seguir em suas demonstrações. Além disso, não é certo que Huet acreditava devotamente em cada uma das comparações que ele estabeleceu em seu livro, seria uma ingenuidade de sua parte, inclusive porque nenhuma comparação é absoluta.

Ainda como produto desta crítica ao argumento sobre Moisés, Huet é

acusado de listar muitas opiniões como válidas, avaliando-as de modo a fortalecer ateus e deístas. Provavelmente a crítica é fruto de uma falta de compreensão de sua metodologia: para Huet este seria um procedimento adequado de avaliação e crítica de várias opiniões, levando ao estabelecimento de uma própria, algo característico de filósofos que prezam pela integridade intelectual. Parece também que se perde de vista que o critério proposto por Huet é a maior adesão entre os seres humanos, algo que só é possível verificar por meio da apresentação e análise destas opiniões, alcançando o que é universal nelas e o que pode ser entendido, assim, como verdade. É por isso que Huet necessita de todas estas opiniões: a autenticidade e a antiguidade têm origem justamente na comparação entre testemunhos diversos e no que é semelhante entre eles e é por meio destas duas características que Huet procura demonstrar a verdade das Escrituras. Como coloca Dupront, o método apologético de Huet é baseado e definido pela noção de verdade histórica (DUPRONT, 2014, pp. 15-16), esta que, assim como a fé, não tem como fundamentação uma revelação subjetiva ou individual, mas se manifesta por meio de um movimento universal, que parte de uma consciência coletiva, um consenso entre os seres humanos (DUPRONT, 2014, p. 232).

#### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar de pouco reconhecido atualmente, Pierre-Daniel Huet é uma figura fascinante. O êxito de seus escritos não ocorreu postumamente como ocorre com muitos personagens da história, mas em vida. O bispo, físico, historiador, filósofo e romancista, entre muitas outras alcunhas, pôde acompanhar a disseminação de seu trabalho, responder a críticas e agradecer a elogios. Como foi exposto, seus interlocutores também tiveram muito reconhecimento, muitos deles em vida e postumamente, como Espinosa, Voltaire e Leibniz. Tudo isso só deixa ainda mais manifesta a importância de recorrer aos escritos de Huet para uma compreensão significativa do mundo acadêmico europeu do século XVII.

A *Demonstratio Evangelica*, particularmente, possui elementos essenciais para esse tipo de análise. É uma obra que faz um diagnóstico bastante apurado de seu contexto epistemológico, isto é, a tendência dos pensadores em rejeitar a tradição e entender a geometria como incontestável; indica as consequências deste contexto para a religião e para a filosofia; propõe um caminho para reverter a orientação do espírito da modernidade e, assim, além de resguardar a história e a erudição, apresenta uma defesa da religião cristã. Apesar de suas intenções, as críticas a sua obra não demoraram a surgir, inclusive considerações bastante severas e contrárias ao que Huet tencionava. É possível então perceber como os principais elementos utilizados pelo bispo de Avranches para construir a sua nova exegese bíblica e fazer uma apologia da religião cristã eram componentes polêmicos e contestáveis, o que originou inúmeros conflitos.

A perspectiva de Huet sobre a história mostrou-se perigosa e, ao procurar legitimar a verdade da religião cristã por meio de um movimento histórico desde suas origens até o presente, Huet foi considerado um propagador do paganismo e da heterodoxia, tendo sua fé amplamente questionada. Além disso, o argumento sobre Moisés foi visto como uma insensatez e o plano de fundo cético da *Demonstratio* foi entendido como uma evidência de sua impiedade. Entretanto, como foi apresentado, todos esses componentes são essenciais no projeto e na metodologia proposta por Huet. Enquanto o filósofo estabelece seu critério de evidência na conformidade universal, o ceticismo deve se apresentar, por sua vez, na medida em que garante o estatuto dessa certeza religiosa e moral baseada no consentimento entre os seres humanos.

O que Huet quer deixar claro é que não há demonstrações no sentido mais absoluto do termo em relação à moral e religião, mas que isso também não é possível no âmbito da matemática, das ciências e da filosofia. Mostrando a incapacidade da razão, o que nos resta é recorrer ao que a tradição e a erudição nos ensinam, verificando a autenticidade dos livros do Antigo Testamento, o que eles

contam sobre personagens bíblicos e profecias, mostrando que são verdadeiros e, assim, comprovando a divindade da religião cristã. Paralelamente, ao mostrar que a figura de Moisés é anterior a outros deuses pagãos, sendo também o protótipo utilizado para a elaboração da figura desses deuses, seria possível comprovar a antiguidade da Bíblia e como todas as outras religiões se baseariam na tradição cristã, o que também comprovaria sua verdade de forma cabal.

É interessante notar que o ceticismo atua em duas frentes distintas em relação à intenção de Huet em reabilitar o conhecimento histórico. De forma mais óbvia e imediata, o ceticismo deflagra as pretensões racionais, mitigando a segurança de qualquer demonstração, inclusive a geométrica. Estando todas as demonstrações passíveis de questionamentos, pode-se estabelecer que a história tem o mesmo grau de probabilidade de uma demonstração física ou matemática. Em uma outra frente, o ceticismo atua de forma positiva, já que a corrente de pensamento cética valoriza a opinião que garante a vida prática e, principalmente, tem a tradição e os testemunhos históricos como evidências fundamentais para orientação da vida intelectual.

Dentro desta perspectiva, a palavra “demonstração” é usada pelo filósofo de forma retórica, já que pretende chamar a atenção para o que estava sendo tomado como a meta da busca pela verdade. Desse modo, Huet está conversando principalmente com Descartes que afirma ter demonstrações e não meras provas (que estão no âmbito da probabilidade) acerca da existência de Deus e da imortalidade da alma<sup>33</sup>. As demonstrações aqui são entendidas por Huet no

33 “Além disso, como soubesse que a maioria dos ímpios só se recusa a crer que Deus existe e que a mente humana se distingue do corpo por dizerem que, até agora, ninguém pode demonstrar essas duas coisas e, embora de modo algum assinta eu à sua opinião e creia, ao contrário, que quase todas as razões aduzidas por grandes homens a respeito dessas questões, quando suficientemente entendidas, possuem força demonstrativa, e esteja eu persuadido de que dificilmente pode haver outras que já não tenham sido



sentido de resultarem de princípios primeiros cuja verdade não é questionada e, desta forma, entende que elas estão colocadas à maneira dos geômetras, já que possuem força e evidência comparável às demonstrações propostas pela geometria. Em sentido absoluto, Huet entende que elas não são totalmente certas ou indubitáveis, como nenhuma outra demonstração que pode ser feita pela razão, e nem mesmo que são da mesma ordem das demonstrações geométricas, pois possuem objetos distintos e necessitam também de abordagens pertinentes a cada um destes objetos a que se voltam (HUET, 1842, D.E., pp. 27-28).

Não pretendemos aqui defender toda a obra de Huet, nem mesmo seu método ou seus argumentos. Sabemos que sua argumentação é problemática: o autor negligencia totalmente o fator temporal em suas comparações; suas definições e axiomas são muito amplas e pouco rigorosas e muitas de suas demonstrações, de fato, são exageradas e extravagantes. O objetivo aqui é revelar certa coerência interna presente em sua obra e também outros méritos, como a exaustiva exposição de testemunhos de filósofos antigos e modernos, a avaliação de diversas culturas e religiões de variados períodos, europeias ou não e, por fim, a reconstrução da origem dos mitos destas religiões e culturas. Assim, entendemos que a obra de Huet é adequada aos seus propósitos apologéticos, tendo em vista principalmente o grau de certeza moral que ele está almejando.

É possível observar também que muitas das críticas voltadas a Huet, e a repercussão da *Demonstratio* como um todo, principalmente em relação à ortodoxia do autor e de sua obra, bem como de seus propósitos apologéticos, são descomedidas, já que estariam indicando uma obscuridade na obra de Huet que

descobertas por outros anteriormente – estimo que nada se poderia fazer que fosse, no entanto, mais útil em Filosofia do que nos aplicarmos uma vez na busca das melhores, expondo-as com tanta precisão e clareza que, no futuro, elas constem como demonstrações” (DESCARTES, 2008, p. 201).

parece não existir. Tendo em vista um grande ímpeto de comprovar a verdade e divindade da religião cristã, Huet utiliza de artifícios que não são tão corriqueiros no âmbito religioso e isto acaba, paradoxalmente, levantando dúvidas sobre sua religiosidade e a consequente vontade de alguns de seus críticos de desmascarar algum tipo de heterodoxia na *Demonstratio Evangelica*, que é, afinal de contas, uma tentativa de defesa do cristianismo por meio da erudição. Em um âmbito mais geral, ao salvaguardar a história e a tradição, Huet está intimamente ligado à querela dos antigos e dos modernos, esta que ocupou grande parte das discussões dentro da República das Letras nos séculos XVII e XVIII.

THE REPERCUSSIONS OF PIERRE-DANIEL  
HUET'S *DEMONSTRATIO EVANGELICA* ON  
THE REPUBLIC OF LETTERS

ABSTRACT: The aim of this paper is to present and evaluate Huet's initial program when he publishes the *Demonstratio Evangelica* (1679), an apologetic work with a skeptical inclination, in view of its intellectual context, seeking a better understanding of the impact that this book had on discussions between great intellectuals of the Republic of Letters in 17th century Europe. To this end, this article contains three moments: first, it seeks to outline the objectives of the work and the means used by Huet to achieve them. Subsequently, a series of accusations and criticisms are exposed to the *Demonstratio Evangelica* and, finally, a balance is made regarding these criticisms in relation to Huet's initial intentions and it is argued that this work has a certain apologetic value, but more than that, played a notable role with regard to discussions of history, religion and philosophy in the 17th century.

KEY-WORDS: Huet, history, modernity, skepticism, Republic of Letters.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARNAULD, A. (1775-1783). *Oeuvres de messire Antoine Arnauld*. 39 volumes. Lausanne: Sigismond d'Arnay & co.
- "Bibliothèque Universelle et Historique". (1692). xxiii/1. *Preti Danielies Huetii Demonstratio Evangelica*, pp. 47-58.
- BOUILLIER, F. (1868). *Histoire de la philosophie cartésienne*. Paris: Ch. Delagrave.
- CHARLES, S. (2013). "Pierre-Daniel Huet's Reading of Skepticism", *Science & Esprit* 65: pp. 299-309.

- DESCARTES, R. (1897-1913). *Oeuvres de Descartes*. 13 volumes. Editadas por C. Adam & P. Tannery. Paris: Léopold Cerf.
- \_\_\_\_\_. (2008). *Meditações sobre Filosofia Primeira*. Campinas: Unicamp.
- DUPRONT, A. (2014). *Pierre-Daniel Huet et l'exégèse comparatiste au XVIIIe*. Siècle. Genève: Droz.
- ESPINOSA, B. (1966). *Oeuvres de Spinoza*. 4 volumes. Tradução e notas de Ch. Appuhn. Paris : Garnier Frères-Flammarion.
- GUEROÚLT, M. (1984). “Huet ou le renversement du refus cartésien: rejet de la philosophie rationnelle dogmatique par et pour la tradition philosophique”. In: GUEROÚLT, M. *Histoire de l'histoire de la philosophie en Occident, des origines jusqu'à Condillac*. Paris: Aubier.
- “Histoire des Ouvrages des Savans”, 07/1690, art. XII. *Petri Danielis Huetii Episcopi Abricensis designati Demonstratio Evangelica ad Serenissimum Delphinum. Tertia editio, ab auctore recognita, castigata et amplificata*, pp. 512-514.
- HUET, P-D. (1842). *Démonstration Evangelique*. Tradução anônima para o francês. Paris: Migne.
- \_\_\_\_\_. (1960). *Alnetanae quaestiones de concordia rationis et fidei*. Caen: J. Cavalier.
- “Journal des Savans”, 9 de janeiro de 1679. *Petri Danielis Huetii Demonstratio Evangelica ad Serenissimum Delphinum*, pp. 5-10.
- “Journal des Savans”, 3 de abril de 1690. *Petri Danielis Huetii Episcopi Abrincensis Designata, Demonstratio Evangelica. Ad Serenissimum delphinum. Tertia Edition, ad autore recognita, castigata, & amplificata*, pp. 153- 156.
- “Journal des Savans”, 10 de abril de 1690. *Petri Danielis Huetii Episcopi Abrincensis Designata, Demonstratio Evangelica. Ad Serenissimum delphinum. Tertia Edition, ad autore recognita, castigata, & amplificata*, pp. 157-161.
- LAERKE, M. (2006). “À la recherche d'un homme égal à Spinoza. G.W. Leibniz et la Demonstratio evangelica de Pierre-Daniel Huet.”, *Dix-septième siècle* 232: pp. 387-410.

- LEIBNIZ, G. (1803). *Pensées de Leibniz sur la religion et la morale*. 2 volumes. Paris : V. Nyon.
- MALBREIL, G. (1985). “Les droits de la raison et de la foi, la dissociation de la raison, la métamorphose de la foi, selon Pierre Daniel Huet”, *XVIIe Siècle* 147: pp. 119-133.
- MASSIMI, J-R. (1985). “Vérité et histoire chez P-D. Huet”, *XVIIe Siècle* 147: pp. 167-168.
- POPKIN, R. (2003). “The New Sceptics: Simon Foucher and Pierre-Daniel Huet”. In: R. Popkin. *The History of Scepticism from Savonarola to Bayle*. Oxford: Oxford University Press.
- SHELFORD, A. (2002). “Thinking Geometrically in Pierre-Daniel Huet’s *Demonstratio Evangelica* (1679)”, *Journal of the History of Ideas* 63: pp. 599-617.
- VOLTAIRE. (1820-1826). *Oeuvres complètes de Voltaire*. 70 volumes. Paris: E. A. Lequien.